Empréstimos linguísticos na visão do gramático Eduardo Carlos Pereira: um enfoque na perspectiva da História das Ideias Linguísticas¹

Flavio Biasutti Valadares

Pontifícia Universidade Católica de São Paulo

Resumo: O artigo analisa como empréstimos linguísticos externos são tratados na obra *Grammatica Expositiva: Curso Superior*, 2ª edição (1909), do gramático Eduardo Carlos Pereira. Para tanto, utiliza a perspectiva teórica da História das Ideias Linguísticas e conclui que o gramático sofreu influência direta do pensamento que vigorava no início do século XX, levando-o a tratar de maneira distinta sua visão científica da linguagem, apresentada no item *Esboço histórico e geográfico*, e sua posição purista frente aos fenômenos linguísticos, exposta no item *Vícios de linguagem*.

Palavras-chave: História das Ideias Linguísticas; gramática de língua portuguesa; empréstimos linguísticos externos.

Abstract: The article analyzes how external linguistic loans are treated in the book *Grammatica Expositiva: Curso Superior*, 2ª edition (1909), by the grammarian Eduardo Carlos Pereira. The article uses the theoretical perspective of the History of Linguistic Ideas and concludes that the grammarian was influenced directly by the forefront thoughts in the beginning of the XXth century, leading him to treat his scientific vision of language in a different way, which is evident in the entry *Esboço histórico e geográfico (Historical and Geographical Outline)*, and his purist position towards linguistic phenomena, displayed in the entry *Vícios de linguagem (Language vices)*.

Keywords: History of Linguistic Ideas; portuguese language grammar; linguistic loans.

1. Recebido em 06/02/2012. Aprovado em 09/11/2012.

Riassunto: L'articolo intende esaminare come i prestiti linguistici esteri sono trattati nell'opera *Grammatica Expositiva: Curso Superior*, 2ª edizione (1909), del linguista Eduardo Carlos Pereira. Per fare ciò, utilizza la prospettiva teorica della Storia delle Idee Linguistiche e conclude che il linguista ha una influenza diretta dal pensiero che esisteva agli inizi del Novecento, che lo porta a trattare in maniera distinta la sua visione scientifica del linguaggio, presentata nel capitolo *Esboço Histórico e Geográfico (Disegno storico e geografico)*, e la sua posizione purista di fronte ai fenomeni linguistici, esposta nel suo *Vícios de Linguagem (Vizi del Linguaggio)*.

Parole chiave: Storia delle Idee Linguistiche; grammatica della lingua portoghese; influenze linguistiche estere.

Considerações iniciais

A História das Ideias Linguísticas vem se constituindo nos últimos tempos como uma área de pesquisa bastante profícua, inclusive no Brasil. Fávero e Molina (2006: 24) indicam, citando Auroux (1992), que uma ideia linguística “é todo saber construído em torno de uma língua, num dado momento, como produto quer de uma reflexão metalinguística, quer de uma atividade metalinguística não explícita”. E acrescentam que “toda a tradição gramatical é uma parte das ideias linguísticas”.

Orlandi (2001: 16) destaca que

fazer história das ideias nos permite: de um lado, trabalhar com a história do pensamento sobre a linguagem no Brasil, mesmo antes da Linguística se instalar em sua forma definida; de outro, podemos trabalhar a especificidade de um olhar interno à ciência da linguagem, tomando posição a partir de nossos compromissos, nossa posição de estudiosos especialistas em linguagem. Isto significa que não tomamos o olhar externo, o do historiador, mas falamos como especialistas de linguagem, a propósito da história do conhecimento sobre a linguagem. [...] portanto, capazes de avaliar teoricamente as diferentes filiações teóricas e suas consequências para a compreensão do seu próprio objeto, ou seja, a língua.

Nessa perspectiva, estudamos a *Grammatica Expositiva: Curso Superior*, 2ª edição², (1909), do gramático Eduardo Carlos Pereira, em relação à sua visão sobre empréstimos linguísticos, com o objetivo de explicitar sua abordagem para esse fenômeno linguístico, já que este autor se enquadra entre os gramáticos do início do Século XX que apresentam uma sistematização da Língua Portuguesa bastante utilizada pelos meios escolares, através de sua gramática.

Molina (2004) aponta que a valorização do modelo lógico, somado ao denominado científico, pode ter feito da *Grammatica Expositiva: Curso Superior* “um pronto sucesso”. A autora explicita que

de caráter predominantemente didático, sem, contudo deixar de abordar com clareza todas as questões gramaticais exigidas nos programas tanto das Escolas Oficiais, quanto das Escolas Normais, [a *Grammatica Expositiva: Curso Superior*] agradou de pronto à maioria das lentes daqueles estabelecimentos. (Molina 2004: 228)

Pfeiffer (2011: 101) salienta que, no Prólogo da *Grammatica Expositiva: Curso Superior*, Eduardo Carlos Pereira apresenta uma

tensão explícita entre a assim designada ‘corrente nacional’ e a ‘corrente moderna’. A primeira se ocuparia do ‘elemento lógico da expressão do pensamento’ e a segunda do ‘elemento histórico da língua’. A primeira estaria contemplada pela ‘gramática expositiva’ e a segunda pela ‘gramática histórica.

Dessa forma, procuramos neste trabalho, numa perspectiva da História das Ideias Linguísticas, responder às seguintes questões: 1) Qual a importância

2. Sobre a 2ª edição, de 1909, Molina (2004:231) esclarece que “o gramático apresenta-nos a 2ª edição de sua *Grammatica Expositiva: Curso Superior*, informando-nos que ampliara a matéria e sua explicação e acrescentara-lhe um esboço histórico e geográfico da língua. Além disso, nela incluíra um estudo sobre sintaxe e estilística e o índice alfabético e alargara o número de modelos e exercícios”.

dos posicionamentos desse gramático em relação aos empréstimos linguísticos, considerando ser uma edição do início da 1ª metade do Século XX? e 2) O tratamento dado por esse gramático aos empréstimos linguísticos coaduna-se com sua visão de língua e de gramática da época de sua publicação?

Apresentação teórico-conceitual

Fávero e Molina (2006: 20) propõem que “Lucien Febvre e Marc Bloch, influenciados pelo cientificismo do século XIX e início do XX, foram aqueles que realmente começaram a pensar numa história-ciência, em constante construção, não mais mero arrolar de fatos e datas”. As autoras asseveram que “Febvre definia a História como *ciência do homem, da mudança perpétua das sociedades humanas* e Bloch como *a ciência dos tempos no homem*, que só pode ser compreendida em sua estrutura social”. Além disso, expõem que, “para Bloch, o objeto da história são os homens, suas significações, ações e intenções, analisadas em seus grupos” e complementam que “Febvre e Bloch, juntos, na Universidade de Estrasburgo, refletem então sobre a possibilidade de renovarem todo o estudo histórico como disciplina”.

Elas destacam que a primeira geração dos *Annales* ficou marcada pela maneira problematizante de encarar o fato histórico, da constatação da necessidade de uma mudança radical na compreensão da História, que fica marcada ainda pela heterogeneidade e por uma grande abertura na aceitação de novas propostas e métodos. Em relação à segunda geração, as autoras observam que ela ficou conhecida como a *Era Braudel*, caracterizando-se por situar a história em três escalões: “*na superfície*: a história dos acontecimentos, do tempo curto; *na meia encosta*: uma história conjuntural, que segue ritmo mais lento; e *na profundidade*: uma história de longa duração”. (Fávero e Molina 2006: 20). Essa geração foi marcada por quantificações, por técnicas e até mesmo pela penetração do marxismo.

Acerca da última geração dos *Annales*, também denominada *Nouvelle Histoire*, Fávero e Molina (2006) explicam que ela é bastante influenciada pelo

estruturalismo, tendo sido seus principais representantes Le Goff, Le Roy e Chartier. Há, nesta fase, uma modificação de suas preocupações,

centrando-se nas *mentalidades*, nas vidas cotidianas, firmando-se em representações e interpretações, ampliando sensivelmente o conceito de *fonte*, utilizando-se de vários tipos delas: documentos psicológicos, arqueológicos, orais, religiosos, fazendo uma sábia e benfazeja *mistura*. (Fávero e Molina 2006: 21)

Vainfas (1997: 135) entende que

a verdadeira ruptura ocorrida na historiografia francesa e responsável pela irrupção da chamada Nova História, particularmente da história das mentalidades, parece ter ocorrido muito mais em relação à ‘era Braudel’, na qual predominou uma visão totalizante e socioeconômica da história, do que em relação aos primórdios dos *Annales*.

Retomando a contribuição dos *Annales* para a História das Ideias Linguísticas, frisamos, segundo Vainfas (1997: 130-131), que nos *Annales*, principalmente na terceira geração, a *Nouvelle Histoire*, a perspectiva de construção de uma história interdisciplinar, em que se pudesse situar a história no “seio” das demais ciências sociais, talvez tenha sido a que mais “irrigou” e “inspirou” a pesquisa e a reflexão historiográfica mundial nas últimas décadas.

Corroborando tal noção, na visão de Altman (1998: 24), “a atividade historiográfica, presume, inevitavelmente, uma atividade de seleção, ordenação, reconstrução e interpretação dos fatos relevantes (história ‘*rerum gestarum*’) para o quadro geral de reflexão que constrói o historiógrafo”. Nesse ponto, cumpre apontarmos que o estudioso da História das Ideias Linguísticas, nas palavras de Fávero e Molina (2006: 29),

mais que localizar a fonte de um pensamento, deverá analisar, no contexto em que foi criada a ideia, como frutificou, foi com-

preendida, difundida, interpretada e representada, mergulhando em sua profundidade, enxergando os fios que a constituíram e todos os seus reflexos, favorecendo uma melhor compreensão da Linguística atual.

Silva (2008: 52) coloca que, “no século XIX, os relatos da história de várias disciplinas filosóficas foram permeados de profundo espírito nacionalista e não passaram de mera coleção de fatos”. A autora também coloca que

hoje, os historiadores pretendem dar um cunho mais científico a suas investigações, o que significa haver maior preocupação com teorias e métodos seguros, bastante discutidos nos textos sobre problemas de periodização, de metalinguagem descritiva e de evolução retrospectiva. (Silva 2008: 52)

De acordo com Bright (1992), citado por Silva (2008: 53),

a complexidade que envolve o estudo da História das Ideias Linguísticas diz respeito ao fato de haver diferenças na velocidade do desenvolvimento, na cronologia e intensidade dos contatos entre as tradições greco-latina ou europeia, chinesa e indiana e outras.

E complementa: “tal complexidade concerne não só a uma sucessão e talvez coexistência de tendências opostas dentro de uma determinada tradição, mas também à continuidade e descontinuidade de seus interesses e práticas”.

A gramatização

Auroux (1992: 65) salienta que “por gramatização deve-se entender o processo que conduz a descrever e a instrumentar uma língua na base de duas tecnologias, que são ainda hoje os pilares de nosso saber metalinguístico: a gramática e o dicionário”. E acrescenta:

podemos, todavia, nos entender sobre o que significa para uma língua ‘ser gramatizada’. É quando podemos falá-la (ou lê-la), em outras palavras, aprendê-la (em sentido suficientemente restrito), com a ajuda apenas dos instrumentos linguísticos disponíveis. (Auroux 1992: 65)

Trujillo (2010: 16) conclui que

a gramatização representa um ponto alto no desenvolvimento da civilização humana por permitir a estabilização do principal instrumento de comunicação e produção cultural utilizado pelo homem que é a língua nas suas expressões oral e escrita. (Trujillo 2010: 16)

No Brasil, citado por Fávero e Molina (2006: 48), Elia (1975), baseado em Antenor Nascentes, divide em dois grandes períodos os estudos filológicos: vernaculista e científico, sendo o 1º de 1820 a 1880; e o 2º, de 1880 a 1960.

Fávero e Molina (2006: 48) prospectam que esse período denominado científico por Elia compreende duas fases: “a primeira, de 1880 a 1900, tem como principal característica a transição, melhor dizendo, é a instância em que a renovação prevalece sobre o conservadorismo da época anterior...”. A segunda fase desse período, 1900 a 1960, está subdividida em três gerações, conforme Elia (1975), citado por Fávero e Molina (2006: 48),

a primeira, de 1900 a 1920, inicia-se com o combate à base normativa de direção vernaculista [...] A segunda geração, de 1920 a 1940, é formada pelos estudiosos que aprenderam nas lições dos grandes nomes da filologia portuguesa [...] A última geração, de 1940 a 1960, contemporânea de Silvio Elia, representa a transição entre o autodidatismo das gerações anteriores e a formação universitária.

É possível, então, localizarmos temporalmente Eduardo Carlos Pereira no período científico, entendendo que, em sua gramática, há um aspecto de combate à base normativa de direção vernaculista, ao propor que

sua gramática teria então o papel até patriótico de divulgar o conhecimento da língua, não só para a classe dominante, mas para todos aqueles que desejassem possuir um conhecimento perfeito da língua, veiculando, mesmo que sublinearmente, a função *unificadora* que atribuía à gramática. (Molina 2004: 266)

***Grammatica Expositiva: Curso Superior*³, de Eduardo Carlos Pereira: empréstimos linguísticos numa perspectiva da História das Ideias Linguísticas**

Inicialmente, traçamos um breve histórico de Eduardo Carlos Pereira que, de acordo com Molina (2004: 233),

além de homem das letras, já se pôde perceber que Eduardo Carlos Pereira foi um dos *maiores mestres do idioma pátrio* (*op. cit.*: 94), tendo sido ainda um dos responsáveis pela tradução brasileira da *Bíblia Sagrada*, editada em 1917, versão considerada uma das mais fiéis em Língua Portuguesa.

Ainda de acordo com Molina (2004: 233), “também foi um religioso extremoso e escritor evangélico fecundo...” e

embora tivesse se licenciado no magistério, Eduardo Carlos Pereira continuava a escrever obras de fundo religioso, estando sempre em contato com os novos modelos literários e movimentos artísticos questionadores das reformas tradicionais de organização da obra de arte e até mesmo da sociedade brasileira que aqui e ali despontavam. (Molina 2004: 236)

3. Optamos por manter a grafia original utilizada na *Grammatica Expositiva: Curso Superior*.

Molina, sobre a 2ª edição da *Grammatica Expositiva: Curso Superior*, expõe:

a segunda edição da gramática, de 1909, foi de competência da Duprat & Comp., situada na Rua Direita, 26, em São Paulo, e sua capa é diferente da anterior, a começar pelo título: *Gramática Expositiva (Curso Superior)*, pois o autor já lançara a *Gramática Expositiva (Curso Elementar)*. Além do nome, mais uma mudança foi necessária devido ao lançamento dessa segunda obra. Abaixo da citação de Darmesteter lê-se a quem se dirige a obra: *Adaptada ao 2º e 3º ano dos GINÁSIOS e das ESCOLAS SUPERIORES*. Quanto ao mais, o volume sofreu um pequeno aumento, agora editado com 16 x 23,5cm, resultando num número diferente de páginas: 343 (sete para os *Pareceres*)... (Molina 2004: 241-242)

Acerca do prólogo da 2ª edição, Molina relata:

Pereira inicia-o agradecendo o acolhimento de sua obra pelo público e especificando que ampliara a matéria e sua exemplificação, *retocando aqui e ali a doutrina e a sua disposição metódica* (VII) [...] Assevera, nesse prefácio, alargar o trabalho com um esboço histórico e geográfico da língua e acrescenta-lhe também um breve estudo sobre sintaxe estilística e um índice alfabético, como de fato fez. [...] Além disso, especifica Pereira que procurou dar maior cuidado à análise, fornecendo sobre todos os domínios da gramática expositiva modelos e exercícios apropriados. [...] na falta de uma maior sistematização dos fatos linguísticos, sentiu necessidade de contatar a *língua viva* de pessoas cultas que lhe serviram de exemplos, já que cômico do papel social da linguagem. A *língua viva* a que se refere Pereira não deve ser a oral, mas a escrita veiculada nos meios de comunicação, recolhida de contos, crônicas, ensaios e debates ali apresentados. Finalmente, aponta que a análise apurada dos discursos e polêmicas de nossos *homens públicos* é capaz de revelar o quanto descuido estava entre nós o estudo do nosso idioma. (Molina 2004: 264-266)

É importante, também, apresentarmos resumidamente a organização da *Grammatica Expositiva*: Curso Superior, 2ª edição, 1909. Ela é iniciada com um “Esboço historico e geographico”; na sequência, apresenta “Noções preliminares”, em que o gramático expõe conceitos sobre linguagem, palavra, língua, léxico, frase e oração. Em seguida, Eduardo Carlos Pereira apresenta a “Grammatica e sua divisão”, conceituando gramática e dividindo-a em geral e particular, histórica e expositiva; também, aponta que o estudo da gramática deve ser dividido em “lexeologia e syntaxe” (Pereira 1909: 01-03).

À página 04, o gramático inicia sua exposição com a “Lexeologia”, abordando

phonologia, phonetica, sons e letras, classificação dos phonemas, consonancias, prosodia, metaplasmos, orthographia, morphologia, taxonomia, palavras flexivas, flexão do substantivo, adjectivo, pronome, verbo, palavras inflexivas (adverbio, preposição, conjuncção, interjeição), outras classes de palavras, etymologia. (Pereira 1909: 04)

A partir da página 154, é exposta a “Syntaxe”, com

estudo das palavras combinadas, sujeito, predicado, complemento, vocativo, processos syntacticos, syntaxe regular de concordancia, syntaxe irregular ou figurada de concordancia, syntaxe regular de regencia, syntaxe irregular ou figurada de regencia, syntaxe regular de collocação, syntaxe irregular ou figurada de collocação, typos syntacticos divergentes, vicios de linguagem, analyse syntactica dos membros da proposição, pontuação. (Pereira 1909: 154)

Por fim, são apresentados “modelos de analyse e exercicios analyticos”, índice geral, índice alfabético das matérias, errata e pareceres⁴ sobre a *Grammatica Expositiva: Curso Superior*.

No que se relaciona aos empréstimos linguísticos, a *Grammatica Expositiva: Curso Superior* traz já no capítulo denominado “Esboço historico e geographico”, no item 13, “Mobilidade do lexico”, páginas XXII e XXIII, um conceito acerca de neologismo, bem como uma classificação deste em intrínseco e em extrínseco:

O *neologismo* corresponde ao nascimento ou transformação: é o aparecimento recente de novos termos ou de nova significação a termos preexistentes, determinado pela necessidade de se nomear um novo objecto ou uma nova idéa que surge no continuo progresso social.

O neologismo pode ser *intrinseco* ou *extrinseco*.

a) *Intrinseco* é o neologismo formado no seio da propria lingua, como – *mundial, evoluir, aprioristico, estadual, cartista, septembrista, abrilada, ferrovia, aviador*.

Nesta classe podemos incluir os numerosos termos de origem latina que a corrente erudita tem desde o sec. XVI introduzido na literatura, como – *grandiloquo, levipede, lepido, pronó, sapido, undivago, aligero, etc..*

b) *Extrinseco* é o *neologismo* importado de linguas extranhas, como – *telepathia, glottologia, sport, lanche, claque, chalet, altruismo, etc.* (Pereira 1909: XXII-XXIII)

4. Ainda que não seja objeto de nosso estudo, é digno de nota citar que os pareceres, ao final da gramática, demonstram a necessidade existente à época de assegurar a respeitabilidade do material. Na edição por nós analisada, os pareceres estão ao final da obra, o que normalmente não ocorria, visto que estes figuravam em seu início. Há, na 2ª edição, pareceres de: Dr. Silvio T. de Almeida; Prof. Luiz Antonio dos Santos; relatores Jose Antonio Nogueira, João da Silva Mezencio e João Camara Leme; Prof. Candido de Figueiredo; Dr. Jeronymo da Cunha; Prof. João Nepomuceno de Souza Machado; Prof. Estevam de A. Almeida; *Jornal do Commercio, Diario Popular, Do Commercio de S. Paulo, Do Correio Paulistano*; além de vários diretores de colégios. Todos os pareceres exaltam a importância da obra de Eduardo Carlos Pereira.

Nesta primeira menção a empréstimos linguísticos, o gramático explicita um posicionamento no qual ele associa a necessidade de se nomear um novo objeto ou uma nova ideia ao contínuo progresso social, denotando que o aparecimento de novos termos em uma língua é algo que ocorre naturalmente e que isso não poderia ser impedido, o que o coloca em consonância ao desenvolvimento dos estudos linguísticos da época.

Ao conceituar, especificamente, o neologismo extrínseco, Eduardo Carlos Pereira aponta o importe de termos a “línguas estranhas”, ou seja, ele ratifica os contatos que as diversas línguas mantêm e deste contato os empréstimos de termos que podem advir, como os exemplos citados por ele: telepatia, glotologia, esporte, lanche, claque, chalé, altruísmo. Tais exemplos, atualmente, foram aportuguesados e dicionarizados.

Em seguida, página XXIV, expõe que “tres são as fontes, donde affluiram os *elementos* que enriquecem os nossos lexicons: *latina*, *vernacula* e *extrangeira*”⁵. Ele aponta que

17. Como um rio que, humilde em seu curso inicial vae, no longo trajecto, engrossando o caudal com o tributo de sua ampla bacia hydrographica; tal o nosso lexico, humillimo no seu inicio, vae-se opulentando não só com o processo organico de sua evolução, mas ainda com os largos subsidios de outras linguas com que vem em contacto no decorrer de sua historia.” (Pereira 1909: XXV).

E propõe “em rapida analyse” estudar “essa larga *importação* de palavras em ordem chronologica”. A partir dessa proposta, o gramático apresenta 12 línguas que teriam influenciado a Língua Portuguesa em relação aos empréstimos lexicais, a saber: línguas peninsulares, grego, hebraico, germânico, árabe, francês, espanhol, italiano, línguas asiáticas, línguas africanas, línguas americanas e o inglês.

5. Devido ao objeto de nosso trabalho, vamos tratar apenas do item III, página XXV – “Elementos de línguas estrangeiras.”

A seguir, um quadro (adaptado) com a descrição feita por Eduardo Carlos Pereira para a influência apresentada por ele:

Quadro 01 – Gramática expositiva: curso superior, Eduardo Carlos Pereira, XXV A XXXI

III – Elementos de línguas estrangeiras

1.º *Lingua peninsulares*. As línguas faladas na Península na época da conquista romana foram as primeiras que vieram em contacto com o latim. Aí se falavam os vários dialectos celticos; os dos cantabros e asturos ao norte e os dos galaicos e lusitanos ao occidente; bem como os dialectos ibéricos, notadamente o dos vasconços, bascos ou euskaros, na região pyrenaica. Além desses povos da raça *aryana*, vieram (uns 2.000 annos antes da E.C.) estabelecer-se no litoral os mercadores phenicios, de origem *semitica*, e, posteriormente, os seus descendentes de norte da Africa, os cartagineses. Os gregos lhe seguiram a esteira mais tarde, mas dos gregos fallaremos no parágrafo seguinte.

a) Do *basco* ou *euskaro* registram-se os seguintes vocabulos: *aba, balsa, bezerro, bizarro, charco, charro, gorra, esquerda, mandrião, morro*. [...] b) Do *celta* citam-se: *bacia, bico, bojo, bragas, carpinteiro, carro, cavallo, cerveja, legua, lança, sabão*. [...] c) Do *phenicio*: *atum, barca, mamona, mappa*.

2.º *Grego*. Em tres epochas diversas influio o grego em nosso lexico.

a) Anteriormente ao advento do latim á Hispania, pelos annos de 700 ou 900 antes da E. C., estabeleceram-se no litoral, á semelhança dos phenicios e cartagineses, colonias gregas mercantis e, mais que elles, deixaram vestigios em nosso lexico, taes como *bolsa, ermo, sumo, tio, cara, calma, chato*. b) Nos ultimos seculos da idade antiga e nos primeiros da idade média, através do Christianismo, foi larga a influencia do grego na formação das línguas romanicas. [...] Da literatura ecclesiástica nos vieram: *Christo* (=ungido), *apostolo* (=enviado), *anjo* (=mensageiro), [...], *egreja, ecclesiastico, metropolitano, diocese, parochia, leigo, encyclica, ermitão, biblia*. c) Modernamente, por via erudita, nos vem de grego classico copiosa nomenclatura scientifica e artistica: *kilometro* (chilo = mil), *telepathia, phototypia, polyglotta, glottologia, taxonomia, philologia, pyrotechnia*, etc.

3.º *Hebraico*. O elemento hebraico nos veio principalmente por meio do Christianismo, cujas raizes se entranha no Velho Testamento, escripto nessa lingua. [...] São dicções hebraicas: [...] *alleluia* (=louvae ao Senhor), *hosanna, paschoa* (=passagem) [...] e as phrases: *filho da perdição, do peccado, da desobediencia, [...] rei dos reis*.

4.º *Germanico*. O elemento germanico ou allemão nos veio primeiramente dos visigodos ou godos de Occidente, povo de origem germanica, [...] Modernamente muitos emprestimos teem sido feitos ao allemão, em geral por intermedio do francez, exs.: *vagão, nickel, talvegue, quartz, zinco, cobalto, manganez*.

5.º *Arabe*. [...] Lingua semitica, de indole mui diversa da familia aryana, o arabe influiu apenas em nosso lexico, apesar de seu longo dominio peninsular, deixando-nos cerca de 300 vocabulos quasi todos substantivos. Referem-se elles á administração, agricultura, artes, industrias, cozinha, guerra, jogo, pesca, etc. Exs.: *alcorão, [...] alcool, alface, alfaiate, algarismo, alfange, algebra, algoz, almoxarife, almondega, alqueire, [...] armazem, arroba, arsenal, atalaia, ataude, azar, azeite, azul, [...] garrafa, gengibre, ginete, jarra, macio, matraca, mesquinho, oxalá, safaro, tarimba, xadrez, xarope, xagal, etc..*

6.º *Francez*. O elemento francez em tres diferentes epochas tem largamente influido em nosso idioma. a) Do sec. XI ao sec. XIII, foi mui sensivel a sua influencia motivada por dois factos: o casamento do conde francez, D. Henrique de Borgonha com D. Tareja, filha natural de D. Afonso VI, rei de Castella, e as correntes poeticas que da França vieram despertar o primeiro movimento literario de nossa lingua. [...] b) No sec. XVIII a corrente literaria do classicismo francez veio em Portugal reagir contra o gongorismo da escola hespanhola, e assim o francez se poz novamente em contacto mais intimo com o portuguez. c) Finalmente, em nossos dias, por meio de sua exuberante literatura e obras didacticas, larga é a influencia do francez, não só no lexico, mas tambem na syntaxe, provocando justificados clamores de nossos puristas contra as francezias que vão mareando o brilho vernaculo de nosso idioma. Na syntaxe estudamos com certo desenvolvimento essas francezias ou gallicismos. Copioso é o numero de vocabulos de origem franceza já incorporados em nosso lexico. Exs.: *palitó, boné, chalet, envelope, [...] vendaval, comboio, tostão, claraboia, tambor, toesa, framboesa, passe-partout, passamanes*.

7.º *Hespanhol*. O elemento genuinamente hespanhol em nossa lingua é relativamente diminuto, devido ao facto de ser quasi commum o vocabulario de Portugal e de Hespanha por causa de contiguidade geographica e historica das duas nações. São manifestadamente de origem hespanhola: *abanico, el-dourado, espadilha, fandango, frente, lhano, manilha, muchacho, quixote, sarabanda, seguidilho, caramba, zarzuela, castanhola, cachucha, patuléa*.

8.º *Italiano*. O elemento italiano nos veio primeiro pela corrente humanista da *Renaissance*, do sec. XVI, a qual, irradiando-se em toda a Europa, veio influir fortemente em nossos escriptores quinhentistas. Desde então quer directamente, quer através do francez, tem elle contribuindo para o nosso lexico com muitos ternos concernentes á literatura, musica e commercio. Essa contribuição tende a crescer com a larga imigração italiana no sul do Brasil. Exs.: *adagio, agio, [...] macarrão, doge, contralto, crescendo, fiasco, gondola, soprano, tenor, piano, violão, violoncello, duetto, pastel, pasquim*.

9.º *Linguas asiaticas*. O elemento asiatico data do principio do sec. XVI com a descoberta do caminho das Indias por Vasco da Gama, que estabeleceu o commercio com o Oriente. De lá nos vieram: *bambu, brahmane, bonzo, chatim, canja, [...] balcão, caravana, damasco, taboleiro, turbante, divan*.

10.º *Linguas africanas*. Do sec. XVI data tambem o apparecimento do elemento africano em nossa lingua com as relações commerciaes e estabelecimento de colonias portuezas na costa d'Africa. Posteriormente com a introdução da escravidão negra no Brasil avolumaram-se os *africanismos* no vocabulario brasileiro. Exs.: *azagaia, banzar, bugio, buzio, cacimba, cangica, carimbo, chafariz, calunga, caxeringuengue, empatar, inhame, lundu, macaco, mono, mulambo, maromba, malungo, mandinga, moxinga, mucama, moleca, moleque, papagaio, quegila ou quisilia, senzala, tanga, urucungo, zanga*.

11.º *Linguas americanas*. O elemento americano nos veio principalmente do tupi-guarani, desde a descoberta e colonização do Brasil, no sec. XVI. Grande é a copia de *americanismos* ou termos indigenas, no lexico brasileiro, que designam logares, rios, vegetaes, animaes e objectos domesticos. Exs.: *Pará (=mar, rio grande), Paraná (=rio enorme), Paraguay (=rio do papagaio), [...] marimbondo, urubu, sabiá, onça, carioca (=descendente do branco), pipoca, arapuca, cuia, pampas, sapiroca*.

12.º *Inglez*. O elemento inglez é representado em nosso lexico em termos principalmente relativos ao commercio, estradas de ferro, diversões e cozinha. Exs.: *bill, cheque, dollar, shelling, peny (plural – pence), coke, revólver, leader, jury, tilbury, breque, tunnel, tender, tramway, drenagem, pamphleto, meeting, club, jockey, sport, spleen, clown, football, high-life, cricket, crup, bife, lanche, croquet, pudim, flirt*.

Ao listar todas essas palavras estrangeiras que o Português recebeu, via empréstimo, Eduardo Carlos Pereira assume, em sua gramática, uma visão científica, o que demonstra sua atenção aos estudos linguísticos da época, nesse caso, os estudos histórico-comparativos. Além disso, ao dar tantos exemplos, já incorporados ao léxico da Língua Portuguesa, o gramático expõe os empréstimos linguísticos como necessários e importantes a qualquer língua, de modo que não haveria “problemas” nesses importes, uma vez que toda língua é dinâmica.

Isso denota seu posicionamento como o que naquele momento vigorava em termos científicos, ou seja, sua lista de exemplos de palavras estrangeiras incorporadas ao léxico do Português é também uma espécie de levantamento histórico de tais termos a fim de esclarecer sua origem, inclusive com indicações históricas em torno desses empréstimos, sem promover indícios de que empréstimos fossem nocivos à língua que os importa.

É digno de nota, no item sobre o francês, o posicionamento do gramático ao reproduzir que a influência do francês sobre o português “em nossos dias” vinha “provocando justificados clamores de nossos puristas contra as francezias que vão mareando o brilho vernaculo de nosso idioma” (Pereira 1909: XXIX). Nesse ponto, coloca-se de modo distinto do que vinha fazendo até aquele momento em seu esboço histórico e geográfico, de maneira que se coaduna às posições puristas da época contra os empréstimos do francês.

Outro aspecto nesta lista de influências estrangeiras elaborada por Eduardo Carlos Pereira refere-se aos denominados por ele americanismos, isto é, influências da língua tupi-guarani. Normalmente, não haveria uma classificação de americanismos como uma língua estrangeira. Todavia, em razão de um posicionamento que mantinha a Língua Portuguesa como a língua oficial, livre de influências da língua indígena, havia uma ideia de línguas indígenas como não compondo a Língua Portuguesa, mas sim, uma língua usada em território brasileiro.

No entanto, apesar de essa parte da gramática de Eduardo Carlos Pereira trazer uma visão bastante científica, com um viés bem próximo aos estudos linguísticos vigentes à época, na seção “Vícios de linguagem”, o

gramático coloca os empréstimos linguísticos de modo absolutamente purista, evidenciando-os como vícios “que deturpam e desvirtuam” (Pereira 1909: 210) a língua. Classifica os vícios de linguagem em: “barbarismo, solecismo, amphibologia, obscuridade cacophonia, hiato, echo, collição, archaismo, neologismo, brasileirismo e provincianismo”. (Pereira 1909: 210)

Dessa classificação, barbarismo e neologismo contemplam nosso objeto de estudo e, por isso, é a eles que iremos nos ater. Eduardo Carlos Pereira conceitua barbarismo ou peregrinismo como “o emprego de termos estranhos á lingua, quer na sua fôrma, quer na sua idéa” (Pereira 1909: 210) e coloca que “os *barbarismos* na *fôrma* são erros *prosodicos* ou *ortographicos*” e que “os *barbarismos* na *idéa* consistem no uso desnecessario de termos estrangeiros e de termos em accepção estranha á lingua” (Pereira 1909: 211).

Como exemplos destes “barbarismos na idéa”, o gramático lista “abandonado por dissoluto; adresse por subscrito, endereço; avançar por affirmar; brusco por precipitado; bizarro por esquisito; despercebido por despercebido; emprestar de por tomar emprestado” (Pereira 1909: 211). Em seguida, menciona que

Larga copia de *barbarismos* nos fornecem as linguas estrangeiras, já nos termos, já nas phrases, que não se amoldam ao genio da lingua vernacula. Estes *extrangeirismos* tomam o nome da lingua donde procedem: *germanismo* (Germania, antigo nome da Allemanha), do allemão; *anglicismo*, do inglez; *italianismo*, do italiano; *hespanholismo*, do hespanhol, *gallicismo* ou *francezismo* (Gallia, antigo nome da França), do francez; *hebraismo*, do hebraico; *hellenismo*, do grego; *latinismo*, do latim. (Pereira 1909: 211).

Com a menção a todos esses “tipos de estrangeirismos”, Eduardo Carlos Pereira torna seu posicionamento paradoxal, uma vez que apresenta, no item “Esboço historico e geographico”, uma descrição linguística com base científica sobre empréstimos linguísticos, sem qualquer menção purista de preservação da língua. Ao contrário, justificando até a necessidade e a riqueza de contatos linguísticos externos por meio de empréstimos linguísticos.

Contudo, em específico, o gramático aborda mais detidamente o fato de o francês ter, segundo ele, “mais do que qualquer outra língua, tem o francês concorrido para abastardar ou barbarizar a nossa” (Pereira 1909: 211), em que fica claro seu posicionamento purista quanto ao importe de palavras francesas, comuns àquela época no Brasil. Molina (2004: 289) hipotetiza que “o rápido desenvolvimento da ciência e da tecnologia, na virada do século, favorecia a necessidade de criações vocabulares que dessem conta dos avanços, inúmeras descobertas e inesperadas mudanças pelos quais passavam”.

Ainda neste trecho de sua gramática, assim se posiciona:

As causas desta influencia achamo-las não só nas primitivas relações historicas de Portugal com a França, que lhe forneceu a dynastia fundadora de sua nacionalidade no sec. XII, como tambem na disseminação entre nós da litteratura franceza. Por esta razão bradam constantemente nossos puristas contra o *gallicismo* ou *francezismo* não só lexico ou no *termo*, mas tambem syntactico ou na *phrase*. Muitos *gallicismos* já foram definitivamente incorporados na lingua ou por necessidade ou por uso prolongado e universal, taes são: *audacioso*, *bom tom*, *comportamento*, *ponto de vista*, *baixo clero*, *boas graças*, *autoridade constituida*, *ministro do culto*, *tomar a palavra*.

Eduardo Carlos Pereira (1909: 212) lista mais galicismos, aos que ele define como

[...] verdadeiras deturpações da lingua, contra os quaes devemos estar premunidos. Damos em seguida uma pequena lista destes: abat-jour em vez de quebra-luz, sombreira, pantalha; bouquet em vez de ramilhete ou ramalhete; nuança em vez de matiz; soirée em vez de sarau; toilette em vez de vestido, modo de vestir⁶.

Ao definir neologismo, aponta que

6. São listados cerca de 70 exemplos, porém citamos apenas alguns deles para ilustrar nossa análise.

é o fenómeno contrario ao archaismo, e consiste no emprego de palavras *novas*, quer formadas no seio da lingua, como – *bilontra*, *evoluir*, *ferro-via*, *ferroviario*, *bisar*; quer importadas de linguas estrangeiras, como – *phonografo*, *velodromo*, *decimetro*, *railway*, *tramway*, etc. (Pereira 1909: 215)

O gramático acrescenta ao conceito de neologismo uma observação na qual ele corrobora sua noção purista ao expor que

o neologismo obedece, em geral, á lei do progresso ou evolução linguística, e deixa de ser um vicio quando necessario para expressão de uma idéa nova, ou quando formado de accordo com o genio da lingua. Não obedecendo ao criterio esclarecido de judiciosas conveniencias literarias, o archaismo e o neologismo constituem elementos de obscuridade e tornam-se verdadeiros *barbarismos*. (Pereira 1909: 215)

Considerações finais

Weedwood (2002: 109) salienta que

a principal realização dos linguistas do século XIX não foi apenas perceber mais claramente do que seus antecessores a ubiquidade da mudança linguística, mas também colocar sua investigação científica em base mais sólida por meio do método comparativo.

A partir dessa noção, constatamos que Eduardo Carlos Pereira sofreu influência direta desse pensamento que vigorava ao final do século XIX/ início do século XX, o que corrobora nossa ideia de que ele apresenta em sua gramática alguns dos preceitos teóricos do método histórico-comparativo.

Molina (2004: 559) considera que Eduardo Carlos Pereira,

em virtude do contexto em que viveu e produziu sua obra, absorveu dados advindos das duas correntes (da tradicional e da científica) que constituíam o imaginário dos estudiosos daquela época, e que ele foi capaz de filtrar de ambas aquilo em que mais acreditava, constituindo a sua gramática com seu próprio eixo, abrindo, de fato, caminho próprio.

Entretanto, verificamos que os empréstimos linguísticos são tratados pelo gramático de maneira distinta no item “Esboço histórico e geográfico” e “Vícios de linguagem”, o que nos encaminha ao entendimento de que ele vivia a transição entre uma visão científica da linguagem (Esboço histórico e geográfico) e uma posição purista frente aos fenômenos linguísticos (Vícios de linguagem).

Dessa maneira, neste trabalho, apresentamos uma breve trajetória conceitual da História das Ideias Linguísticas e analisamos a visão de Eduardo Carlos Pereira sobre empréstimos linguísticos empreendida em sua *Grammatica Expositiva: Curso Superior*. Corroborando nossas conclusões, citamos Molina (2004: 558) que afirma:

Eduardo Carlos Pereira deu também especial destaque ao papel social da linguagem e reconhece sua capacidade de unificação nacional, assumindo, assim, o discurso da época. Auxiliou a veicular, inclusive, [...] por meio de determinados exemplos e referências, o ideal de idolatria à pátria, tão defendido, divulgado e buscado pelos republicanos e por todos aqueles que, nas primeiras décadas do século XX, temiam a perda de nossa identidade em virtude do grande número de imigrantes que aqui chegavam para trabalhar.

Assim, é possível inferir que o gramático coaduna-se com o que vigorava no início do século XX acerca dos estudos linguísticos, mas simultaneamente mantém a tradição gramatical em seus compêndios sob a alegação de manutenção das características linguísticas que garantissem a identidade da Língua Portuguesa.

Referências bibliográficas

- ALTMAN, Cristina. 1998. *Pesquisa linguística no Brasil (1968-1988)*. São Paulo: Humanitas/FFLCH/USP.
- AUROUX, Sylvain. 1992. *A revolução tecnológica da gramatização*. Tradução de Eni Puccinelli Orlandi. Campinas/SP: Editora da UNICAMP.
- BRIGHT, William. 1992. *International Encyclopedia of Linguistic*. Editor in Chief, vol. 2. New York: Oxford University Press.
- FÁVERO, Leonor Lopes e MOLINA, Marcia A. G. 2006. *As concepções linguísticas no século XIX: a gramática no Brasil*. Rio de Janeiro: Lucerna.
- MOLINA, Marcia A. G. 2004. *Um estudo descritivo-analítico da Gramática Expositiva (curso superior) de Eduardo Carlos Pereira*. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo. 571p.
- ORLANDI, Eni Pulcinelli. 2001. *História das ideias linguísticas: construção do saber metalinguístico e constituição da língua nacional*. (org.) Campinas/SP: Pontes; Cáceres/MT: Unemat Editora.
- PFEIFFER, Claudia Castellanos. 2011. Instrumentos linguísticos, ensino e políticas públicas. In: VALENTE, Andre e PEREIRA, Maria Teresa G. *Língua Portuguesa: descrição e ensino*. São Paulo: Parábola Editorial. pp. 95-106.
- SILVA, S. C. da. 2008. *História das ideias linguísticas: o que é? Revista Philologus*, Ano 14, n. 41. Rio de Janeiro: CiFEFiL, maio/ago. pp. 49-55.
- TRUJILLO, Albeiro Mejia. 2010. *A gramatização como processo de preservação da Linguagem. Palimpsesto*. n. 11, ano 9. Dossiê (1). pp. 1-18.
- VAINFAS, Ronaldo. 1997. História das mentalidades e história cultural. In: CARDOSO, Ciro Flamarion e VAINFAS, Ronaldo. (Orgs.) *Domínios da História: ensaios de teoria e metodologia*. Rio de Janeiro: Elsevier. pp. 127-162.
- WEEDWOOD, Barbara. 2002. *História concisa da linguística*. São Paulo: Parábola Editorial.

Fonte primária

- PEREIRA, Eduardo Carlos. 1909. *Grammatica Expositiva: curso superior*. 2ª. ed. São Paulo: Duprat & Comp.